

BRASIL BRAZIL

REVISTA DE LITERATURA BRASILEIRA

A JOURNAL OF BRAZILIAN LITERATURE

Nº 8 / ANO 5 / 1992



MERCADO  ABERTO



ISSN 0103-751 X
Copyright © 1992 by Brasil/Brazil

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de literatura colonial. Organização e introdução de Antônio Cândido.* São Paulo: Brasiliense, 1991. 466 p.

Historiador, crítico literário, historiador da literatura? Sérgio Buarque de Holanda é dessas figuras que se situam na intersecção das áreas, navegando com maestria nas fronteiras da história e da literatura. De uma certa forma, a publicação destes escritos inéditos do autor vem revelar um Sérgio Buarque atualíssimo na nossa contemporaneidade.

Este escritor, que sempre foi de difícil classificação teórico-metodológica mesmo pelos seus analistas e críticos mais argutos, parece surpreendentemente se enquadrar nas tendências que caracterizam este *fin-de-siècle*. O esgotamento das verdades científicas universais, norteadoras e explicativas da realidade, e o ecletismo teórico dão a marca para as abordagens metodológicas da nova história cultural, tendência *up-to-date* da historiografia dos anos 80 da Europa e Estados Unidos. Pois parece que Sérgio Buarque de Holanda incorpora e desempenha com desenvoltura o manejo destas tendências. Já desde as primeiras obras revelou ter assumido posturas teórico-metodológicas diversas, indo da história social francesa à perspectiva culturalista alemã, passando pelo historicismo italiano. Dotado de invulgar erudição, exerceu um *approach* interdisciplinar entre História, Literatura, Sociologia, Etnologia, etc. Da mesma forma, revelou-se sempre um mestre da narrativa, discorrendo fluente do fato à estrutura, do específico ao geral e da parte ao todo.

Mas é talvez na abordagem literária da história ou historicidade da crítica do texto que Sérgio Buarque de Holanda exerce a sua melhor faceta.

Em *Capítulos da história colonial*, o autor vai do texto ao contexto, retornando após ao texto, numa análise que busca o seu sentido na inter-relação contínua do discurso com o que se poderia chamar de “realidade social”. Pergunta-se se toda a trajetória de Sérgio Buarque de Holanda no terreno da crítica literária não será uma de suas estratégias intelectuais para dar conta da sua temática central, que atravessa toda a sua obra: o entendimento da cultura e da sociedade brasileira. Assim, concebendo a Literatura como uma dimensão simbólica da História, o autor buscaria iluminar a questão da identidade nacional. Não seria por outra razão que Sérgio Buarque de Holanda remontaria ao passado, vagueando pelo tempo, a resgatar a singularidade, a permanência, os traços unificadores, captando-os e integrando-os a um todo explicativo do Brasil e de seu povo.

Os *Capítulos da história colonial* são, neste caso, um belo exemplo de sua trajetória intelectual, a demonstrar que este membro da chamada “geração de 30” não só inaugurou, junto com Caio Prado Jr. e Gilberto Freire, uma nova leitura no Brasil, como continua atual mesmo numa obra póstuma. O livro traz alguns capítulos acabados e outros não, sem que por isso sejam “menores” ou “incompletos”.

Revisitando o século XVIII, resgata não só a integração da nossa literatura colonial à literatura universal, como consegue compor um quadro das “mentalidades” da época. Tome-se o caso da primeira parte da obra, que agrega os escritos sobre a Poesia Épica. No capítulo referente ao ideal heróico, o autor liga esta postura às mais legítimas tendências do humanismo renascentista, das quais os autores, fartamente discutidos, seriam tributários. Já o texto referente às epopéias sacras Sérgio Buarque vincula à visão atormentada do barroquismo, com a sua exaltação religiosa. É interessante a forma pela qual se recuperam, nesta poesia religiosa, as alegorias típicas do barroquismo alusivas às vaidades da terra, denunciadoras de uma sociedade polarizada, ou às formosuras do meio natural, entusiasmantes quanto às possibilidades do “vasto e novo mundo”. No “mito americano” e em “A Arcádia Heróica”, a necessidade de construir origens novamente liga a poesia à tendência universal da época, qual seja, a de ver no índio o arquétipo da identidade através da ótica do “homem natural”. É sobretudo valiosa a sistemática utilizada para a análise da obra de Claudio Manoel da Costa, Santa Rita Durão ou Basílio da Gama,

onde perfil biográfico e texto são lidos à luz de um contexto social que esclarece significados.

Caberia resgatar a propriedade com que Sérgio Buarque de Holanda assinala que a possível inadequação do estilo épico no século XVIII, tal como poderia parecer a olhos europeus, não desloca a poesia brasileira do momento histórico na qual é produzida, uma vez que a fabricação de mitos e tradições constituiu sempre um “expediente compensatório favorito para aqueles que não se podem gabar de longas e ilustres tradições” (p. 110). No caso brasileiro, a fantasia literária se incumbia de criar estas tradições, base originária de um processo de identidade que se gestava ao longo do século XVIII.

Na segunda parte do livro, referente ao Arcadismo, o capítulo denominado “O ideal arcádico” retoma a idéia de que a nossa literatura se integra ao movimento internacional da cultura. Contudo, salienta que as categorias não podem ser tomadas como portadoras de um significado objetivo e atemporal, sem levar em conta as condições concretas e históricas de sua realização neste ou naquele contexto. Neste ponto é que reside a sua maior contribuição à análise do século XVIII: rastreia as especificidades da vida local que dão sentido à produção literária, vinculando ao mesmo tempo tais singularidades às influências externas da cultura européia. O resultado é uma fuga aos rótulos impostos sob a ditadura do barroco e a revelação de um movimento arcádico que se insere nas raízes da nossa identidade nacional: “É provável que o simples fato de engrandecer, idealizando-o embora, um mundo rústico e de opô-lo aos requintes da corte e das cidades, tenha tido sobre alguns homens da ‘inculta América’ efeito estimulante, livrando-os dos sentimentos de insegurança e inferioridade que os faziam sentir-se desterrados na sua terra” (p. 225).

O capítulo referente a Claudio Manoel da Costa, que integra esta segunda parte da obra sobre o Arcadismo, é o mais longo do livro. Sérgio Buarque de Holanda vai em busca das possíveis matrizes literárias do autor, situando-o em sua época e fixando os vínculos entre vida, obra e contexto. A biografia se insere nas condições concretas da existência, e a obra poética surge no meio caminho entre tendências arcaizantes e modernas. Mais uma vez, a interpretação de Sérgio Buarque recorre à estratégia texto-contexto-texto, e o caso específico da análise da obra de Claudio Manoel da Costa apresenta-se como uma possibilidade para apreciar,

através de um autor, problemas mais gerais pertinentes à criação literária em termos universais.

No apêndice da obra, consta um “Panorama da literatura colonial”, espécie de síntese da literatura colonial nos seus principais traços, e um capítulo sobre Antônio Vieira, onde as análises sobre os sermões restaram inacabadas.

Trabalho original e erudito, *Capítulos da história colonial* vem confirmar a presença de Sérgio Buarque de Holanda como uma das fontes indispensáveis para a consulta daqueles que se voltam para a busca da compreensão e do significado da formação histórica e cultural brasileira.

Sandra Pesavento

Universidade Federal do Rio Grande do Sul